



UMA POÉTICA DA AMAZÔNIA EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*, DE DALCÍDIO JURANDIR

Alberto de Barros Molina

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: albertodebarrosmolina@gmail.com

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina

Universidade Federal de Rondônia/UNIR

E-mail: fatimamolina@unir.br

RESUMO

A proposta deste artigo consiste em fazer uma abordagem sobre as possíveis representações sociais e culturais da Amazônia nos elementos estéticos que constituem a narrativa na obra *Chove nos campos de Cachoeira* (2011), do autor paraense Dalcídio Jurandir. Obra de abertura do ciclo do Extremo-Norte, a tessitura narrativa do romance traz na constituição de seus elementos uma possível representação da sociedade e da cultura do contexto rural amazônico. Considerando a marcante presença do elemento social na obra, esta análise sustenta sua base de fundamentação teórica no viés da Crítica Sociológica, que possibilita, como perspectiva de análise, conceber o externo como um elemento a integrar a estrutura estética da obra. O percurso metodológico adotado segue o método analítico crítico, a partir da leitura da obra em confronto com as abordagens teóricas que versam sobre o tema. O referencial teórico foi constituído, sobretudo, pelas concepções de Antonio Candido (2010). Em *Chove nos campos de Cachoeira*, os recursos e estratégias empregados pelo autor na construção da estrutura narrativa dão visibilidade à simbiose do externo com o interno na constituição estética da obra.

Palavras-chave: Crítica Sociológica. Sociedade. Amazônia. Literatura.

A poetic of the Amazon in *Chove in the fields of Cachoeira*, of Dalcídio Jurandir

ABSTRACT

The proposal of this article is to take an approach on the possible social and cultural representations of the Amazon in the aesthetic elements that constitute the narrative in the work *rains in the Campos de Cachoeira* (2011), from the author of the Paraense Dalcídio Jurandir. Work to open the cycle of the Far north, the narrative tessitura of the novel brings in the Constitution of its elements a possible representation of society and culture of the Amazonian rural context. Considering the remarkable presence of the social element in the work, this analysis sustains its basis of theoretical foundations in the bias of sociological criticism, which is the possible, as a perspective of analysis, to conceive the external as an element to integrate the aesthetic structure of the work. The methodological course adopted follows the critical analytical method, from the reading of the work in confrontation with the theoretical approaches that deal with the theme. The theoretical framework was constituted, above all, by the conceptions of Antonio Candido (2010). In *rains in the waterfall*, the resources and strategies employed by the author in the construction of the narrative structure give visibility to the symbiosis of the external with the internal in the aesthetic constitution of the work.

Keywords: sociological criticism. Society. Amazon. Literature.

INTRODUÇÃO

O romance *Chove nos campos de Cachoeira* (2011), do autor paraense Dalcídio Jurandir, destaca-se pela carga simbólica que traz na representação sociocultural de elementos do contexto regional amazônico. Personagens e cenários em suas composições estéticas trazem a marca desse componente externo, integrando-se ao interno como elemento constitutivo da estrutura da obra.

Considerando essa premissa, a escolha da corrente da crítica sociológica para a análise do romance se justifica pela correspondência de um arcabouço teórico que coerentemente vai ao encontro das peculiaridades presentes no nível da narrativa. O objetivo é desvelar a presença de elementos que evocam o contexto cultural

amazônico, porém como elementos da construção artística que dão forma à tessitura narrativa da obra.

Dessa forma, orientando-nos pelas concepções de Antonio Candido, partimos do entendimento de uma crítica que não se sustenta na oposição entre o contexto social e a obra, o externo e o interno concebidos não como fatores excludentes em si. Na perspectiva desse autor, a crítica sociológica trabalha com a confluência de elementos que esteticamente atuam na feitura da obra. É com esse olhar que esse estudo se orienta para proceder com a análise da obra *Chove nos campos de Cachoeira*.

1 UM BREVE APARATO TEÓRICO SOBRE A CRÍTICA SOCIOLÓGICA

O conceito de Crítica Sociológica adotado neste estudo segue as concepções de Antonio Candido, crítico que parte da perspectiva de fusão entre texto e contexto, entre a obra literária e o seu condicionamento social. Dessa forma, o elemento social atua como os demais elementos na constituição da estrutura da obra, enquanto obra de arte. Ao rever o posicionamento de estudos que viam na relação entre a obra e o seu condicionamento social a única via de acesso para compreendê-la, Candido posiciona-se afirmando: “[...] estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem” (2010, p. 13). Assim, há o entendimento de que a obra, como um todo indissolúvel de uma construção artística, fica em primeiro plano. Esse é o ponto de partida para a compreensão dessa corrente crítica empregada como eixo teórico para a análise da obra *Chove nos campos de Cachoeira*, objeto de análise deste artigo.

O estudo das relações entre literatura e sociedade teve seus expoentes na França com a publicação da obra *Da literatura considerada em suas relações com as instituições sociais*, publicada em 1800. Esse tipo de crítica prossegue no século XX com a adesão de muitos estudiosos que divergem entre duas tendências: uma voltada para a sociologia e outra que direciona seu foco para o aspecto estético literário. No

Brasil, Antonio Candido ganha destaque nesse seguimento de crítica, pois privilegia a análise de como o tema social constitui a estrutura da obra. Uma análise da obra *Chove nos campos de Cachoeira* por esse viés busca dar visibilidade à forma como as configurações de uma sociedade constituída no contexto do interior amazônico fornece elementos para a composição da estrutura do romance.

No texto intitulado “Crítica sociológica”, Marisa Corrêa Silva apresenta uma definição a essa corrente afirmando que “[...] *crítica sociológica* é aquela que procura ver o fenômeno da literatura como parte de um contexto maior: uma sociedade, uma cultura” (SILVA, 2009, p. 177). Ao partir da construção de um conceito influenciado pelas concepções de Antonio Candido, a autora ressalta que “não acreditamos que um texto literário seja melhor porque reflete bem a sociedade; mas, sim, que um texto literário é bom porque é bem escrito, porque trabalha a linguagem de forma criativa, porque utiliza ‘espaços em branco’ (interstícios) para enriquecer as possibilidades de leitura etc. (2009, p. 177). Trata-se, portanto, de um conceito cuja base de sustentação apoia-se na intrínseca relação entre literatura e sociedade. Dessa forma, compartilham desse princípio autores que pensam a literatura não como um fenômeno independente, mas ligado à vida social. Sob essa perspectiva, para além de uma criação resultante de um estado de inspiração e vontade própria do artista, o surgimento da obra literária está vinculado a um contexto mais amplo que envolve, entre outros aspectos, o fato de ser criada, conforme salienta Silva: “[...] numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto” (2009, p. 177). São marcas presentes na obra literária que artisticamente podem desvelar possíveis configurações de uma sociedade.

O posicionamento contrário à ideia de que a qualidade do texto literário está associada à forma como reflete a sociedade se justifica pelo próprio postulado da literatura que traz em sua essência o ato de criar e apresentar outras proposições e não apenas reproduzir. Para além da reprodução do já dado, a criação literária possibilita, pela experiência estética, a ampliação de horizontes, o questionamento e o encontro da sensibilidade, são vias de acesso perpassadas pelo simbólico e pelo imaginário, elementos que fertilizam o terreno da criação.

Enquanto manifestação artística, o texto literário trabalha com a plurissignificação, por meio de uma escrita criativa gera lacunas, espaços vagos ou nebulosos a serem preenchidos ou decifrados pelos leitores. Logo, ao apresentar seus espaços abertos, o texto literário revela a qualidade de uma escrita que possibilita o encontro entre o trabalho estético do autor com a atuação do leitor. Resulta desse encontro, um diálogo que atribui significados à obra. Portanto, a mobilização de todos esses elementos representa muito mais que um simples reflexo do social pela obra, pois envolve a fusão defendida por Candido entre texto e contexto.

Nessa simbiose, os traços sociais estão presentes na composição da obra, de forma que o externo passa a atuar como elemento interno. Na visão de Candido, há uma influência mútua entre arte e sociedade. A influência que a sociedade exerce sobre a obra manifesta-se tanto na superfície do texto ou na constituição de suas categorias narrativas. Em contrapartida, a influência da obra na sociedade pode ocorrer pela atuação dos leitores, de forma a provocar mudanças em sua forma de ver o mundo. É interessante ressaltar, contudo, que: “Essa influência vem de dentro do livro, e não depende de o autor ter ou não ter tido consciência e/ou intenção de produzir esse efeito” (SILVA, 2009, p. 186). É nessa perspectiva que Candido aponta para a projeção do foco de análise pelo viés da crítica sociológica:

[...] o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas material (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora [...]; ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético) (2010, p. 14).

O entendimento gerado é o de que o social tem sua importância, porém não se sobressai como causa ou significado único da obra, mas como um agente que exerce um papel na estrutura sendo, portanto, alinhado aos fatores estéticos. Trata-se de uma análise crítica mais aprofundada, posto que o fator social não é visto como enquadramento, mas a proposta é desvelar elementos desse fator que são responsáveis pelo significado da obra. Logo, tais elementos são concebidos dentro de

um todo indissolúvel dos demais e, conjuntamente, atuam na constituição do todo da obra.

O caminho de análise proposto por Candido (2010) ultrapassa o nível da superficialidade com vistas a atingir o nível da profundidade estética. Conforme explica o autor: “[...] saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte (CANDIDO, 2010, p. 17). A posição de destaque que assume a interpretação estética faz com que a crítica tenha um outro direcionamento, no sentido de abandonar seu caráter essencialmente sociológico e passe a ser, sobretudo, crítica. Na proposição de Candido (2010), portanto, o ponto de referência para a análise passa a ser a estrutura da obra. Com isso, a crítica moderna supera a orientação caracterizada pelo sociologismo crítico, cujas explicações sustentam-se exclusivamente nos fatores sociais. Uma análise realizada sob essa orientação não tem por finalidade colocar em primeiro plano a obra literária como construção artística, mas apenas investigar os aspectos sociais como condicionantes da obra.

A configuração de um movimento de análise de dentro para fora apontado por Candido (2010), ou seja, de dentro do universo ficcional para o social também é identificado no debate na distinção descrita por Luiz Costa Lima (2002) entre uma análise que segue a vertente da sociologia da literatura e uma análise sociológica da literatura. No campo da sociologia da literatura, o confronto entre o sociólogo e a obra literária ocorre sem uma motivação estética, mas a partir de outros valores, conforme salienta o autor: “oriundos de seu grupo social de referência, de suas opiniões políticas, de sua metodologia ou, mais genericamente, de sua concepção da linguagem – a tendência será moldar seu objeto de acordo com tais valores” (LIMA, 2002, p. 662). Sob essa ótica, os atributos literários da obra são apenas ilustrativos, de forma que o texto é tomado como um reflexo do que se passa na sociedade, em detrimento da apreensão dos seus recursos retóricos e estéticos.

Em contrapartida, sobre a análise sociológica, o crítico ressalta que em geral é uma vertente que se debruça sobre o fato literário e se constitui em instituição social, isto é, “como uma modalidade discursiva diante da qual a comunidade de leitores se

posta com um conjunto determinado de expectativas” (LIMA, 2002, p. 663). É compreensível, portanto, que por esse viés de análise a apreciação sociológica não venha em primeiro plano, mas o reconhecimento da especificidade literária realizada pelo ficcional que, por sua vez, “não se deixa governar pelo critério válido para os discursos da realidade, o critério de verdadeiro/falso [...], mas porque neutraliza nosso modo habitual de tematizar a realidade” (2002, p. 666). Nesse sentido, ressalta-se a importância de se reconhecer a especificidade do discurso literário que se instaura na forma como se constitui esse discurso. Portanto, mais importante do que o texto diz sobre o social é reconhecer o como, ou seja, a forma como ele diz o que diz.

Na abordagem sobre “A literatura e a vida social”, os questionamentos suscitados por Candido (2010) sobre qual a influência que o meio social e a obra de arte exercem um sobre outro colocam em destaque os três elementos indissoluvelmente ligados à produção: autor, obra e público. Sobre o autor, Candido (2010) destaca a posição social que o artista ocupa como criador de arte na escala social. Responsável pela iniciativa individual de criação, o autor é um dos elementos da confluência de onde resulta a obra. No que diz respeito à configuração da obra, Candido (2010) ressalta a dependência que ela tem tanto do artista, quanto das condições sociais e determinam sua posição. É por meio da obra que se transmudam esteticamente valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação. Quanto ao público, o receptor da arte, Candido (2010) considera o elemento responsável por dar sentido e realidade à obra. É no público que o autor se realiza, pois, sendo o receptor é “o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador” (2010, p. 48). O público constitui o elo entre o autor e a obra, complementando, assim, o indissociável e interativo sistema de relações que une autor, obra e público.

2 UMA CONSTRUÇÃO POÉTICA DA AMAZÔNIA EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*

O universo ficcional criado por Dalcídio Jurandir em *Chove nos campos de Cachoeira* (2011) tem em sua constituição recursos estéticos e ficcionais que remetem à cultura do contexto do interior amazônico. Ao trazer para a composição do cenário

a vida cotidiana de Cachoeira, o autor tece a narrativa enviesando o leitor na história da família do protagonista, o menino Alfredo.

Sobre a contribuição dos elementos estéticos e ficcionais presentes na obra, em sua fala sobre Sociedade e Cultura da Amazônia nos romances de Dalcídio Jurandir, Wille Bolle conceitua: “O estético é o conjunto dos elementos que nos fazem sentir – em vez de analisar conceitualmente – os fatos sociais e culturais. Estes são apreendidos por meio de percepções, sentimentos, desejos, sonhos, imaginações, reflexões e interações de atores sociais inventados”¹. Ao encontro do que afirma Candido (2010) a obra é fruto da confluência da iniciativa individual do autor e das condições sociais de sua produção. O excerto em destaque revela tanto a presença de elementos estéticos que marcam a produção literária de Dalcídio, quanto a presença do social caracterizado pelos traços de especificidade da cultura amazônica, representados pelos elementos que fazem a composição do cenário.

Sobre o autor paraense, Dalcídio Jurandir, é interessante pontuar que nasceu em Ponta de Pedras, no Marajó, no dia 10 de janeiro de 1909. Viveu a infância em Cachoeira do Arari e em 1922 mudou-se para a capital, Belém, para completar os estudos. Jurandir é considerado por muitos estudiosos o maior romancista da Amazônia nas primeiras décadas do século XX. Foi lido e admirado pelas gerações de outros grandes autores da literatura brasileira, entre eles, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Contudo, até o seu centenário de nascimento, sua produção literária não integrava a lista das grandes editoras, não se destacava na fortuna crítica acadêmica e recebia o rótulo de regionalista.²

Dalcídio Jurandir escreveu onze romances, dez constituem a série denominada Ciclo do Extremo-Norte: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Chão dos Lobos* (1976), *Os habitantes* (1976), *Ribanceira* (1978). Publicado em 1941, seu primeiro romance, o de abertura desse Ciclo, *Chove*

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NGJsahbCSJ8>. Acesso em: 14/01/2019

² Ver mais em Beira do rio, Jornal da Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2005/67-edicao-28/803-literatura-dalcidiana-ao-alcance-de-todos>. Acesso em: 30/04/2018.

nos campos de Cachoeira, ganhou da Editora Vecchi o prêmio “Dom Casmurro”. Em 1952, o escritor viaja à União Soviética e, em 1959, publica *Linha do parque*, o único romance que não se integra ao Ciclo do Extremo Norte. A edição russa de *Linha do parque* foi lançada em Moscou em 1961, com apresentação de Jorge Amado. No ano de 1972, recebeu da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Estas narrativas entrelaçam, num universo representativo da vida cotidiana amazônica, os dramas humanos vividos por seus personagens em suas micro-histórias mediadas por suas relações com a sociedade local.

Sobre o Ciclo do Extremo Norte, Bolle analisa que “oferece uma apresentação da história e da cultura cotidianas da Amazônia, principalmente das camadas populares, que é única em termos de amplitude e fidelidade dos detalhes” (2014, p. 65). Para o autor, a importância do projeto literário de Dalcídio reside, sobretudo, na visibilidade que dá à fala das pessoas do povo. A citação evidencia o valor da produção estética do romancista. As temáticas que perpassam suas obras dão destaque a personagens que enriquecem a representação da cultura que compõe o cenário amazônico.

Obra de estreia do romancista, *Chove nos campos de Cachoeira* (2011) tem sua narrativa encenada em Cachoeira do Arari, espaço onde se apresenta a história de uma família, mediada pela atuação do narrador que ora acompanha a perspectiva do menino Alfredo, ora a do seu irmão Eutanázio. A atuação do narrador com seu discurso indireto livre traz a marca do romance moderno na composição literária de Dalcídio Jurandir. Ao aproximar narrador e personagem, o foco narrativo emite ao leitor a impressão de ressoar duas vozes oriundas de um único personagem, conforme revela o excerto:

Um galo cantando lhe dá tão vagarosa melancolia, aquela fadiga dos campos, e não sabe por que lhe vêm certas cantigas de sua mãe cantando baixinho quando costura, quando remenda roupa e engoma. [...] d. Amélia cantando, se lembrava dos igarapés sombreados de sua terra, de sua mãe, dos açazeiros com açai pintando nos cachos, de montarias deslizando na maré, os remeiros com os remos suspensos, os camarões pulando no rio. As suas colegas, os sítios, aquele filho que desceu a escada e caiu na maré debaixo do jirau. (2011, p. 135)

A passagem dá visibilidade à marca da dimensão estética que constitui o romance *Chove nos campos de Cachoeira*. A obra apresenta fortes traços de crítica social revestidos de elementos de composição da narrativa, cuja trama tem o potencial de engendrar na construção de cenários e na constituição dos personagens, questões sociais ligadas ao cotidiano da vida amazônica. Sobre esse aspecto, Bolle (2014) no ensaio “Uma margem da literatura brasileira: o Ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir”, salienta que uma característica exemplar da produção estética do escritor diz respeito à maneira como é tratada a questão da mediação social. Segundo Bolle: “tanto no nível da ação narrada, (com os conflitos entre dominadores e dominados, entre ricos e pobres) quanto no nível da transposição literária da cultura dos caboclos para o código dos letrados” (2014, p. 76). Pela via do estético, a literatura, ainda de acordo com Bolle, desempenha não só a função de autorreflexão, mas também de socialização e mediação entre os diversos seguimentos sociais.

A mediação narrativa coloca em cena os agentes de uma sociedade marcada pelas contradições das classes sociais e pelo racismo, posto que se trata de um menino filho de um funcionário público branco, o Major Alberto, e de uma empregada negra, dona Amélia, companheira escolhida pelo Major, depois de ter ficado viúvo. O preconceito em relação às origens e a cor da personagem Amélia pode ser identificado no excerto: “Era uma pretinha. Se ainda fosse pessoa de qualidade... Mas uma pretinha de pé no chão! Quem logo! Seu pai estava de cabeça virada para uma negra. Uma cortadeira de seringa! Com filhas moças e amigado com uma preta que virava mundo pelas Ilhas!” (JURANDIR, 2011, p. 71). Como resposta, d. Amélia soltava risadas, revelando a irreverência de um perfil que rompe com os discursos sacralizados da condição de subjugada que tentavam lhe impor devido à cor e à condição social. Ao encontro do que afirma Candido, “[...] a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (2010, p. 29). Em consonância com as ideias do autor, é interessante ressaltar que, embora exercendo influência no conteúdo e na forma, as condições sociais não limitam os romances à transmissão de valores e ideologias, pois sendo formas de comunicação expressiva, aspecto que os caracteriza como arte estão para além das vivências do autor.

Os sentidos produzidos a partir dos elementos que compõem a personagem destacam a representação de uma mulher que se sobressai pela superação e por ter atitudes não passivas diante dos enquadramentos sociais, conforme descreve a passagem:

Pouco antes de se mudar definitivamente para Cachoeira, Major conheceu aquela pretinha de Muaná, neta de escrava, nascida ao pé do tear de fazer rede! dançadeira de coco, de isguetes nas ilhas, cortando seringa, andando pelo Bagre, perna tuíra, apanhando açaí, gapuiando, atirada ao trabalho como um homem. Viu a mãe morrer de uma recaída de papeira, sem recursos, a palhoça caindo, o pai golado na hora do enterro. Tinha perdido um filho levado pela sucuriçu nas ilhas. (JURANDIR, 2011, p. 71).

As diferentes posições que a personagem Amélia assume revelam uma mulher além do seu tempo, de fortes convicções sobre os papéis que ocupa como mulher, negra, de origem pobre, mãe e esposa, uma referência que causa inveja às outras mulheres que sucumbem à vida medíocre em que se enquadram. A elaboração estética desse perfil projeta, segundo Candido (2010, p. 23), “o efeito de uma determinada visão da sociedade atuando como fator estético e permitindo compreender a economia do livro”. É possível reconhecer, portanto, a presença do externo tornando-se interno e atuando na construção da estrutura da obra.

Ao encontro do que afirma Candido em *A personagem de ficção* (2011), há uma indissolúvel associação entre enredo e personagens, no sentido de que, quando se pensa no enredo, simultaneamente se pensa nas personagens: “Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 2011, p. 54). Em *Chove nos campos de Cachoeira*, essa associação é marcada pela atuação das personagens femininas, que embora não sendo as protagonistas, configuram-se no fio condutor da narrativa. Assim, dona Amélia configura-se na representação da mulher que ocupa um espaço de subversão da ordem social na narrativa. Por meio dessa personagem é desvelada a condição de vida das mulheres imersas num contexto histórico de distanciamentos entre as regiões centrais e o espaço rural amazônico: “Major tinha, às vezes, discussões com d. Amélia. Ela se tornava incoerente, se desdizia, se

queixava, dizia que nem que fosse vender tacacá em Belém, mas Alfredo tinha de ir para o colégio” (DALCÍDIO, 2011, p. 240). A capital, Belém, é a referência espacial de grande centro urbano e desenvolvimento, o lugar promissor onde o menino Alfredo poderia dar continuidade aos estudos. Os contrastes dessa referência espacial revelam-se, por exemplo, sob essa configuração:

Quando for para Belém não que ir para aquela cidade triste, cheia de lama, com meninos sujos, homens rotos e tismados que passavam carregados de embrulhos, com carrinhos de mão vendendo bucho, com uns velhinhos batendo na porta e estendendo a mão [...]. Queria ver o Círio, a Santa na berlinda, [...] o museu, queria ao menos ver os colégios e as livrarias onde se vendiam as histórias maravilhosas que sempre desejava. (DALCÍDIO, 2011, p. 79-80)

A referência ao Círio de Nazaré e a outros espaços quem ambientalizam a cidade de Belém pode ser compreendida a partir da análise de Candido (2010, p. 24) ao afirmar que “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. Como componente estrutural da narrativa, a configuração espacial constitui-se na oposição entre o rural e o urbano. A grande cidade revela seus contrastes, a decadência da pobreza das ruas, conforme descreve o excerto, e os espaços requintados de cultura: Quando iam a Belém “Major Alberto e d. Amélia iam ao teatro, aos cinemas, ao Museu, ao Bosque, aos mercados e Alfredo ficava em casa [...]” (JURANDIR, 2011, p. 78). Sob a ótica da Crítica Sociológica, segundo Candido (2010), o que se leva em conta não é o elemento social como referência que possibilita identificar a expressão de uma sociedade determinada, mas esse elemento de referência externa visto como fator da constituição artística da obra. O objetivo, portanto, é realizar “uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (2010, p. 17). Dessa forma, a estrutura da obra constitui o ponto de referência para a análise.

Em *Chove nos campos de Cachoeira*, as categorias que estruturam a narrativa trazem como eixo norteador elementos peculiares dos que vivem no contexto rural amazônico. É a cultura cotidiana dos caboclos, pescadores, colhedores de açaí e

seringueiros que constituem “enfim, a matéria humana que Dalcídio chamava carinhosamente de a ‘farinha-d’água de meus beijos”³, conforme revela a passagem na descrição do narrador:

Podia ir para Muaná? Agora se lembra do sitio do seu tio. [...] a imaginar os mandiocais brotando da terra, os canaviais, canoas cheias de cana para as garapeiras de Belém e cheia de farinha para o Arari. [...] leu debaixo do cupuaçuzeiro. Na beira do igarapé, que vinha sem nome da raiz da terra morna e misteriosa, o miritizeiro caído era a velha estiva para os viajeros. [...] A barraca se escondia ao fundo. Bacabeiras subiam, direitas e conscientes de seu ar solitário, no folharal hostil das capoeiras. Seringueiras mostravam as velhas feridas saradas (DALCÍDIO, 2011, p. 127).

As imagens geradas a partir dos recursos linguísticos empregados pelo autor revelam que a confluência entre os elementos internos e externos que compõem a ficção são determinantes, de acordo com Candido (2010) para o valor estético do romance. Essa premissa permite perceber a atuação de recursos e estratégias empregados para a criação do mundo textual. Assim, o texto não se esgota ao conduzir a um aspecto determinado do mundo real, mais do que isso, ele cria um outro mundo, cuja existência está condicionada ao universo do discurso literário. No caso exemplificado pelo excerto, temos a construção espacial constituída por elementos peculiares do contexto regional amazônico.

Todo esse processo de criação estética configura-se em um requisito necessário em qualquer obra literária, posto que, para Candido, “[...] a força própria da ficção provém, antes de tudo, da convenção que permite elaborar os ‘mundos imaginários’” (CANDIDO, 1989, p. 205). Logo, instaura-se o princípio da relação entre o social e a literatura, ou seja, a presença do fator externo proporcionando ao estético a matéria para a constituição da estrutura do romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ Disponível em: ≤ <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/resenha-de-chove-nos-campos-de-cachoeira-de-dalcidio-jurandir-423083.html> ≥. Acesso em 30/04/2018.

Os elementos da sociedade e da cultura da Amazônia presentes no romance *Chove nos campos de Cachoeira* dão visibilidade aos recursos e estratégias empregados por Dalcídio Jurandir na construção estética de um cotidiano rural amazônico. A partir da história de vida dos seus personagens, o enredo desvela os costumes, a visão de mundo, os desejos, as angústias enfim, os modos de ser e de viver da sociedade que constitui o espaço da vila de Cachoeira.

Embora a narrativa evoque a identificação de elementos que remetem à cultura do contexto rural amazônico, como na descrição de uma paisagem composta por cupuaçuzeiros, açazeiros, seringueiras, garapeira, o aparato estético que perpassa toda a construção do cenário não permite que se estabeleça um vínculo direto de referencialidade fidedignas com o mundo real. Ao se tornarem internos do universo ficcional, atuam como componentes da composição da estrutura narrativa. O mesmo acontece com a construção da personagem Amélia, mulher negra que cortava seringa e apanhava açaí, é discriminada pela cor e pela condição social que ocupa ao se casar com major Alberto, homem branco e letrado. A atuação da personagem não se limita à representação de valores sociais, mas também fornece matéria para a dimensão estética que estrutura a obra.

Uma análise orientada pela corrente da crítica sociológica parte do princípio de que todos os elementos que trazem traços do externo, ou seja, do social, são moldados por uma forma discursiva própria da literatura. Nela se sobressaem os recursos estéticos que colocam em primeiro plano o que, dentro das coordenadas do social, dá especificidade à obra e ao seu valor como uma construção artística.

REFERÊNCIAS

BOLLE, Willi. **Uma margem da literatura brasileira: O Ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir.** In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas. *Vozes da Amazônia II.* Manaus: Editora Valer e Edua, 2014.

CANDIDO, Antônio (et al). **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2011.



CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

LIMA, Luiz Costa. **A análise sociológica da literatura**. In: LIMA, Luiz Costa (org.) Teoria literária em suas fontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, Marisa Corrêa. **Crítica sociológica**. In: BONICCI, Thomas (Org.) Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.